O NVMISMATA

Informativo da Associação Virtual Brasileira de Numismática

ANO II – Nº7 – Junho de 2015

Palavra do Editor

Através da iniciativa do associado Sérgio Giraldi, resolvemos encarar o desafio e lançar o primeiro boletim "O Nvmismata", da Associação Virtual Brasileira de Numismática deste ano.

A AVBN segue uma linha de avanço tecnológico, novos tempos, uma associação que tem como objetivo "formar" e "orientar" os numismatas que estão surgindo e que já desponta grandes nomes, que buscam a todo momento amplicar seus conhecimentos, difícil até hoje usar o termo iniciante e experiente.

Neste número do boletim, fazemos uma viagem pelo tempo, começamos a ver que a numismática é ligada a vários fatos históricos do Brasil e de outros países, começamos a entender melhor várias fatos ocorridos. Em passagem ao sertão de Sergipe, moedas que adornaram a vestimenta de muitos cangaceiros e em especial ao bando de Lampião; começamos a entender como foi a correção de 960 do Rio de Janeiro de 1809 para 1810; vemos um estudo do comportamento de cunhagem de moedas brasileiras; em um roteiro de viagem não pode faltar a um numismata a visita a um Museu de valores que nos é compartilhado; conhecemos um pouco do numismata Guilherme Guinle; passamos para as cédulas e paramos para apreciar a cédula do índio; por fim, fechando com chave de ouro para ampliar nossos conhecimentos revivemos a origem da palavra moeda.

Nesta "máquina do tempo" que esse boletim nos propicia, esperamos que seja elemento de novos estudos e para levantarmos cada vez mais nossa bandeira de conhecimento e divulgação da numismática.

Edil Gomes
Editor deste boletim

O boletim O NVMISMATA é editado pela Associação Virtual Brasileira de Numismática.
Boletim distribuída a seus associados com o objetivo de trazer temas relacionados a numismática.
Os artigos assinados são de responsabilidade única de seus autores e não refletem o pensamento do editor e diretoria da Associação Virtual Brasileira de Numismática.

Editor deste Boletim nº 07:
Edil Gomes
edil2003@bol.com.br

site: avbn.net
facebook : https://www.facebook.com/avbnumis

As moedas de Lampião

Giovanni Miceli

No dia 28 de julho de 1938 o bando de cangaceiros de Lampião (Virgulino Ferreira da Silva) acampou na fazenda Angicos, situada no sertão do Estado de Sergipe, esconderijo tido por Lampião como o de maior segurança. Era noite, chovia muito e todos dormiam em suas barracas. A força volante chegou tão de mansinho que nem os cães pressentiram. Por volta das 5:15 do dia 28, os cangaceiros levantaram para rezar o ofício e se preparavam para tomar café; quando um cangaceiro deu o alarme, já era tarde demais.

Não se sabe ao certo quem os traiu. Entretanto, naquele lugar mais seguro, foram pegos totalmente desprevenidos. Quando os policiais do Tenente João Bezerra e do Sargento Aniceto Rodrigues da Silva abriram fogo com metralhadoras portáteis, os cangaceiros não puderam empreender qualquer tentativa de defesa.

O ataque durou uns vinte minutos e poucos conseguiram escapar ao cerco e à morte. Dos trinta e quatro cangaceiros presentes, onze morreram ali mesmo. Lampião foi um dos primeiros a morrer. Logo em seguida, Maria Bonita foi gravemente ferida. Alguns cangaceiros, transtornados pela morte inesperada do seu líder, conseguiram escapar. Bastante eufóricos com a vitória, os policiais apreenderam os bens e mutilaram os mortos. Apreenderam todo o dinheiro, o ouro e as jóias.

Entre os bens apreendidos estavam as roupas dos cangaceiros, que sempre eram muito ornamentadas. Uma peça tem destaque: o chapéu de lampião, que assim foi descrito: “De couro do tipo sertanejo, ornado em alto relevo em suas abas, com seis signos de Salomão; barbichado - de couro, com 46 cm de comprimento e ornado em ambos os lados com 55 (cinquenta e cinco) peças de ouro, de confecção variada, como sejam: botões para colarinho, para punhos e cartões tipo

Chapéus
10 moedas (4+6)
(provavelmente ouro)

Bandoleiras
34 moedas
(provavelmente prata)

Detalhe da foto: Degola de Lampião

visita[...]; testeira - de couro com 4 cm de largura e 22 cm de comprimento, onde estão afixadas as seguintes moedas e medalhas: duas com a gravação "DEUS TE GUIE", duas libras esterlinas, uma moeda brasileira de ouro de 1885 com a efígie de D. Pedro II, e ainda duas brasileiras de ouro, respectivamente de 1776 e 1802." A base e as correias do chapéu de Lampião estavam carregadas de tal forma que um jornalista, descrevendo-as depois da morte do cangaceiro, diz que se tratava de uma verdadeira exposição numismática.

Com base nessas informações é possível pressupor que as moedas que ornavam o chapéu de Lampião eram: 10.000 réis de 1885, duas libras esterlinas (não se sabe ao certo o ano), 6.400 ou 4.000 réis de 1776 (D. José I) e 6.400 ou 4.000 réis de 1802 (D. Maria I). Nenhuma dessas peças é muito rara, seu valor numismático é relativamente baixo visto que tem pelo menos 2 furos, mas é impossível não pensar em quantas outras moedas, talvez até peças nunca antes vistas, passaram pelas mãos dos cangaceiros, e mesmo quantas destas peças não foram furadas.

1775
Qual moeda?

Prováveis Libras Esterlinas - 22mm

10$000 - 1885 - 23mm

O patacão do Rio de Janeiro de 1809 e suas chapas corrigidas em 1810

André Justo Matzenbacher

Em numismática jamais podemos dissociar-nos da história. No início de 1808 chega ao Brasil, escoltados pela armada inglesa, Dom João VI e sua corte portuguesa fugindo de Napoleão Bonaparte. Desembarcam na Bahia, seguindo rumo ao Rio de Janeiro mais de dez mil pessoas da nobreza e funcionários públicos do alto escalão. Devido ao pouco desenvolvimento da colônia, exigiu-se medidas de investimento em infra-estrutura, promovendo um aumento repentino de recursos financeiros.

A manobra realizada pela Coroa para resolver seu déficit monetário inicia com o alvará de primeiro de setembro de 1809, autorizando a aplicação de um carimbo bifacial nos pesos de oito reales hispano-americanos, que circulavam livremente por 750 réis (preço intrínseco da prata) valorizando-os em 960 réis: O carimbo de Minas.

A nova moeda concretizou-se através do alvará de 20 de novembro de 1809, sendo ordenada a confecção da moeda provincial nas Casas da Moeda da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro no valor de 960 réis agora com recunho total sobre os 8 reales hispano-americanos.

Os patacões "tres patacas" ou "960 réis" como são denominados, são a sequência do sistema monetário em curso, onde 320 réis correspondia a uma pataca e 640 réis a duas patacas.

Nossa imponente moeda de prata 916 com aproximadamente 27g e 40mm de diâmetro, foi cunhada durante o período colonial, reino-unido e império até o fim de nosso primeiro sistema monetário em 1834.

O 960 réis de 1809 é a peça mais rara dos patacões do Rio de Janeiro e esse único exemplar conhecido até hoje encontra-se no Museu Histórico do Banco Central do Brasil. Sua descoberta na década de 30 está descrita na revista Numária de julho de 1936 da Sociedade Numismática Cearense: "Notícia mais alviçareira, a qual espantou meio mundo, alvorotando os centros numismáticos brasileiros: O nosso companheiro Alcides de Castro dos Santos acaba de incorporar à sua valiosa coleção um exemplar do 960 réis de 1809 R, recunhado sobre moeda espanhola. A moeda foi adquirida sem esforço de pesquisa, uma coisa que ocasionalmente lhe caiu nas mãos fora um maná dos céus."

Contava Alcides que num domingo teve uma inspiração e foi à sua loja encontrando uma pessoa que lhe ofereceu moedas de prata. Comprou-as sem prestar atenção nas datas, pois estava cansado de adquirir patacões, moedas que por lá sempre foram abundantes. Daí seu deslumbramento quando reparou que tinha nas mãos uma alta raridade. Como esta moeda demorou mais de um século para ser conhecida sempre fica a pergunta entre os numismatas: Algum dia será encontrado outro exemplar?

Segundo Lupércio Gonçalves Ferreira, tudo faz crer que

Único exemplar do Museu de Valores do Banco Central do Brasil (www.mbaeditores.com)

Prova em cobre provavelmente confeccionada na Inglaterra (www.coinfacts.com)

Carimbo de Minas sobre 8 Reales Carolus IIII 1805 Santiago FJ

Variante 36 A recunho total sobre 8r Carolus IIII 1805 Santiago FJ

Anverso da variante 1A

Reverso da variante 1A. Este é o mesmo utilizado no raríssimo exemplar de 1809

Anverso da variante 2A data emendada de 1809

Reverso da variante 2A

Anverso variante 3A data emendada de 1809

Reverso variante 3A

Anverso variante 3B data emendada de 1809

Reverso variante 3B

Anverso variante 4A data emendada de 1809

Reverso variante 4A

Anverso variante 4B data emendada de 1809

Reverso variante 4B

Anverso variante 4C data emendada de 1809

Reverso variante 4C

em 1809 só foram abertos quatro cunhos de anverso de 960 reis e que o único utilizado neste ano foi o da referida moeda. Os outros três foram corrigidos para 1810 e aparecem em seu catálogo nas variantes 2, 3 e 4.

O cunho de reverso do patacão 1809 foi, também, empregado em 1810 nas variantes 1A e 9C.

Referências Bibliograficas

FERREIRA, Lupércio Gonçalves**. Catálogo descritivo dos patacões da Casa da Moeda do Rio.** Primeiro Volume, Recife, 1978.

REVISTA NUMÁRIA. **Sociedade Numismática Cearense**. Julho/1936.

Site: http://www.coinfacts.com - acesso em 02/12/2014.
http://www.mbaeditores.com-acesso em 02/12/2014

Obs. Demais imagens acervo do autor

A Game Theoretical Perspective on Modern Collection Coins Supply in Brazil[1]

Rodrigo de Oliveira Leite[2], ANA/AVBN/ABN
Fabio Caldieraro[3], PhD

Abstract: *This article tries to bring contributions from Marketing Science and Game Theory into Numismatics. A game is proposed to study the minting behavior of entities concerning collection coins. The results from this game show that there are three different behaviors when an entity mints collection coins: a not-for-profit institution will tend to always mint the same number of coins, independently of demand, a prone to risk entity is expected to increase coin mintage in a large amount until it meets the demand and a risk averse entity will tend to increase the mintage by a lower amount. Therefore, a for-profit institution that mints collection coins is always better for the market than a not-for-profit institution. Then, at the conclusion, the game results are applied in the Brazilian context, where the entity that issues coins behaves sometimes as a not-for-profit entity, but at other occasions it behaves as a for-profit institution. Data collected from the Brazilian Central Bank and from recorded secondary prices for silver proof coins minted between 2011 and 2014 confirmed the game results.*

Keywords: *game theory, numismatics, collection coins*.

In this article, I try to bring contributions from Marketing Science and Game Theory into Numismatics. In Brazil, the Mint is prohibited by law to sell coins. The only government branch allowed to sell coins is the Brazilian Central Bank (BCB). However, the BCB is a not-for-profit government bank, consequently the price charged for collection coins equals the cost, with profit being zero.

In 2008 Brazil only minted 2 collection coins: the 2 Reais coin celebrating the 100th anniversary of the Japanese Immigration, Copper Nickel alloy, with a mintage of 2,000 coins and a price of 24 Reais (Brazilian Central Bank, 2008a) and the 5 Reais coin celebrating the 200th anniversary of the arrival of D. Joao VI in Brazil, .925 Silver alloy, with a mintage of 2,000 coins and a price of 108 Reais (Brazilian Central Bank, 2008b). Both sold-out very quickly. Now they are valued at 250 Reais (10 times increase in price) and 2,000 Reais (18 times increased in price), respectively (Maldonado, 2014). In addition, quantities of coins tend to be very small, without any increase as time passes (mintages for the UNESCO cities proof coin series: 2011 – 2,000, 2012 – 3,000, 2013 – 3,000, 2014 – 3,000).

The game proposed in this paper tries to discover the reason behind the decision from the BCB to mint only a small amount of coins, and why those coins tend to grow so much in value over the years.

General Game and Assumptions

A game is developed in this paper involving an entity *E* that is responsible for issuing and selling the coins (*E* can be either a not-for-profit or a for-profit entity). At t_0 *E* sells a quantity *q*; and at t_1 *E* can either maintain or increase the quantity (q+δ). *E* will make the decision solely based on their profit: they will always try to maximize it.

The first assumption is that quantity *q* at t_0 is smaller than the demand (q < D). The second assumption is that a not-for-profit entity will only mint coins when their expected profit is equal to zero, not when it is negative. The third assumption is that a not-for-profit entity mints coins for reasons beyond just numismatics that are exogenous to this model. The fourth assumption is that demand is inelastic and stable over time.

The assumption that demand in numismatics is inelastic comes from the nature of the hobby itself. Since it is a hobby and a collector wants to complete his (or

[1]This is a working paper, any suggestions and/or criticisms should be addressed to the following e-mail: rodrigo.de.oliveira.leite@gmail.com.

[2]BS in Accounting from the School of Administration and Finance – Rio de Janeiro State University (FAF/UERJ), MSc Student in Public and Business Administration at the Brazilian School of Public and Business Administration – Getulio Vargas Foundation (EBAPE/FGV).

[3]PhD in Marketing, Northwestern University. Associate Professor at the Brazilian School of Public and Business Administration – Getulio Vargas Foundation (EBAPE/FGV).

her) collection, the utility for the numismatist is more affected by the utility of getting a coin and completing the collection than the disutility of spending money on it[4].

Game and Results

E sells all their stock at t_0, and their profit can be expressed as follows:

$$\pi_{t_0} = q\,(p - c)$$

Profit at t_0 is equal to the marginal profit (the profit for one coin, which is equal to the price minus cost) times quantity sold. If *E* maintains the quantity, their expected profit at t_1 is equal to their profit at t_0.

$$\pi_{1,t_1} = \pi_{t_0} = q\,(p - c)$$

There is a second alternative: *E* can increase the quantity to q + δ, in this case the probability of selling all their stock will matter. Let's say that there is a probability *h,* with *h* being a function of δ (h = f(δ), if $\delta_1 > \delta_2$ then: $f(\delta_1) > f(\delta_2)$, also $f(0)=1$ and $\lim_{\delta\to\infty} f(\delta)=0$), that the new quantity is smaller or equal to demand (q+δ ≤ D). In this case *E* will sell all the stock and profit will be:

$$\pi_{2,t_1 \mid q+\delta \le D} = (q + \delta)\,(p - c).$$

But there is also a chance *1 – h* that q + δ > D, in this second situation *E* will sell the coins up to the point where the demand is completely fulfilled, and a quantity of coins (q + δ – D) will remain unsold in the stock. Thus the expect profit in this situation is equal to:

$$\pi_{2,t_1 \mid q+\delta > D} = D\,(p - c) - c\,(q + \delta - D).$$

If we join both equations, we get the expected profit for *E* in the second case:

$$\pi_{2,t_1} = f(\delta)\,\pi_{2,t_1 \mid q+\delta \le D} + (1 - f(\delta))\,\pi_{2,t_1 \mid q+\delta > D}.$$ [5]

i.e., the expected profit is just the profit in the first situation times *h* and the profit in the second situation times *1 – h,* as follows:

$$\pi_{1,t_1} = h[(q+\delta)(p - c)] + (1 - h)\,[D\,(p - c) - c(q + \delta - D)].$$

What *E* will do? If $\pi_{1,t_1} \ge \pi_{1,t_1}$ *E* will maintain the quantity *q* and if $\pi_{1,t_1} < \pi_{1,t_1}$ *E* will increase the quantity in δ coins. The statement $\pi_{1,t_1} \ge \pi_{1,t_1}$ is only true only if q=D, but this violates the assumption that q < D[6]. Therefore, *E* will always increase the quantity. How much? That will depend if of the amount of risk (*h*) that *E* wants to take, if *E* is prone to risk, then δ is large, but if *E* is risk averse, δ is smaller.

Up to here we assumed an important assumption that has huge consequences in the model: $p - c \neq 0$. If *E* is a not-for-profit organization then, changing completely the equations, as follow:

$$\pi_{1,t_1} = \pi_{t_0} = 0$$

$$\pi_{2,t_1 \mid q+\delta \le D} = 0$$

$$\pi_{2,t_1 \mid q+\delta > D} = -c\,(q + \delta - D)$$

$$\pi_{2,t_1} = -(1 - h)\,(q + \delta - D)\,c$$

The expected profit when *q* is increased is always zero or negative! Consequently, the next statement is always true: $\pi_{1,t_1} \ge \pi_{1,t_1}$. Thus, if *E* is a not-for-profit entity *E* will keep the quantity stable over time. In addition, the quantity *q* will be always smaller than demand.

A conclusion can be derived from this model: always a for-profit entity is better for the numismatic market than a not-for-profit entity, since they have an incentive to match the quantity of collection coins to the demand, while not-for-profit organizations have a disincentive to do so.

Conclusion: applying the results in Brazil

Although the results above can be applied to any place in the world, I will exam those results in the Brazilian context, a context in which I have more familiarity. The BCB is a not-for-profit organization, as stated in the beginning. Therefore, we should observe that the BCB will always maintain the quantity in their coins smaller than the demand, which is true, as also

[4] Of course, this is only true for bounded prices. When prices are extremely high, the utility of saving the money is greater than the utility for buying a coin.

[5] It is easy to see that $\pi_{2,t_1} = \pi_{1,t_1}$, when $f(\delta) = 1$.

[6] The same conclusion could be achieved if we acknowledge the fact that when δ=1 → f(δ)=1, since quantity is smaller than the demand. Therefore, E will always increase quantity.

stated in the beginning.

Nevertheless, there is an exception that confirms the rule: the sponsored coins. The BCB mints two types of coins, the sponsored and the non-sponsored ones. The sponsored coins constitutes the Olympiad and World Soccer Cup coins, and the non-sponsored are all the other collection coins issued in Brazil. The difference in the sponsored coins is that they are sponsored by companies that are for-profit. While we observe a pattern of repeating very small quantities each year in the non-sponsored coins, this pattern is not present in the sponsored coins. In those cases the BCB acts like a for-profit entity. Consequently, the BCB is expected to try to match the quantity with the demand, meaning in practice minting more coins, and it is exactly what happens, as the table below shows.

Mintages are much bigger in the sponsored coins than in the non-sponsored ones, suggesting that having an incentive to profit makes the BCB mint not only more coins, but with more different types (each type is a different design).

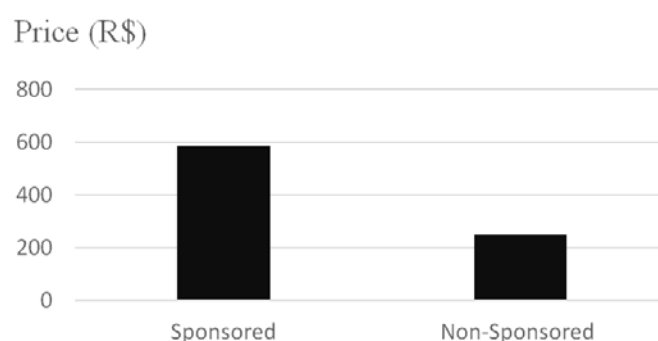
Table 1: Mintages of Silver Proof Coins (2011-2014) by the BCB

Non-Sponsored			Sponsored		
Year	Quantity	Theme	Year	Quantity	Theme
2011	2,000	UNESCO	2012	12,000	Olympiad
2011	5,000	Cooperatives	2014	20,000	World Cup
2012	3,000	UNESCO	2014	20,000	World Cup
2013	3,000	UNESCO	2014	18,700	Olympiad
2014	3,000	UNESCO	2014	18,700	Olympiad
			2014	18,700	Olympiad
			2014	18,700	Olympiad

Source: www.bcb.gov.br

Also, since quantity in the sponsored coins are much closer to the demand than the non-sponsored ones, they tend not to gain so much value over the years, while non-sponsored coins do gain a lot of value (Maldonado, 2014). This is also a fact that eliminates the possible alternative explanation of different demands for sponsored and non-sponsored coins, with the sponsored ones having a higher demand. If it is the case, both should increase in value at the same rate, which is not the case: the sponsored coins increase in price at a much slower rate.

Data was collected to prove the statement that the secondary price for non-sponsored coins are much bigger than secondary price for sponsored coins. Thirty-three prices for coins minted between 2011 and 2014 were collected from the website "mercadolivre.com.br" the biggest website in Brazil dedicated to P2P and B2P transactions[7]. The sample is heteroskedastic (Bartlett´s $p < 0.001$), and the Welsh correction was used to adjust the number of degrees of freedom of the sample. The results were analyzed with one-way ANOVA, showing that the price between sponsored and non-sponsored are indeed different ($F(1,14.1) = 4.732$, $p = 0.047$, $\eta^2 = 0.156$). The mean for sponsored coins (R$249.44) is smaller than the mean for non-sponsored coins (R$585.00). This is contrary to the possible alternative explanation of different demands; therefore, we must assume that demands are very close for both groups, if not equal. Figure 1 shows the mean comparison between the groups.

Figure 1: Mean comparison between sponsored and non-sponsored coin prices in the secondary market

Bibliography

Brazilian Central Bank. (2008a). Comunicado 17002, June 12th 2008.

Brazilian Central Bank. (2008b). Comunicado 17017, June 16th 2008.

Maldonado, R. (2014). Catalogo Bentes de Moedas Brasileiras. Rio de Janeiro, Brazil.

[7] Mercado Livre is controlled by eBay, and is often regarded as the "Brazilian eBay".

Visita temática à coleção numismática romana do Palácio Máximo

Sérgio Giraldi

Roma - Caput Mundi: a capital e sede do maior império mundial tem uma linda coleção de moedas cunhadas na própria cidade. Elas estão reunidas na coleção do Palácio Máximo (Palazzo Massimo), localizado em um elegante palacete do século XIX, onde funciona o Museu Nacional Romano.

Esta coleção começou a ser organizada em 1889 através de estudos da coleção do Mosteiro de Santa Maria degli Angeli, que reunia peças encontradas nos subsolos de Roma, quando das intervenções paisagísticas realizadas no século XIX, dentre elas, a remodelação de ruas, criação de rede de esgoto e canalização do rio Tibre.

Ao longo do século XX, também foram feitas aquisições de coleções particulares no mercado de artes e doações de coleções de particulares, dentre elas podemos destacar três doações muito significativas. Uma delas é a coleção do Museu Kircher, que reunia e estudava moedas romanas do período republicano, com destaque para os bronzes, e todo tipo de instrumentos de cunhagem e amoedação. As outras duas coleções são: a de Francesco Gnecchi, que reunia mais de 20 mil moedas romanas imperiais, e a própria coleção do rei da Itália - Vitor Emanuel III, que reunia 110 mil moedas dos tempos medievais e modernos de Roma. Hoje, somando todas as coleções e o acervo de reserva técnica, o Gabinete Numismático do Palácio Máximo reúne cerca de 550 mil peças, dentre moedas, medalhas, joias monetiformes, instrumentos de cunhagem, pesagem e instrumentos bancários do império romano.

A coleção toma um andar inteiro do belíssimo edifício neoclássico. Logo que se abrem as portas da exposição, somos recepcionados por estátuas da deusa Juno Moneta - a deusa que personifica e protege a emissão numismática, inclusive a cunhagem em Roma se inicia dentro do templo de Juno, localizado no monte Capitolino. Há nas paredes desta primeira galeria da exposição, vários mármores que reproduzem descobertas arqueológicas de cenas de utilização de moedas para compra e venda na Roma antiga. O próximo salão da exposição é inteiramente dedicado ao poder de compra do dinheiro romano e à relação da força de trabalho e produção de bens em Roma, mostrando na prática quanto custava por exemplo, um boi, um pão, uma entrada de circo ou um colar de pérolas. Interessante neste salão é ver todos os objetos

Peças primitivas de roma, antes do desenvolvimento do conceito de moeda moderno

antigos descobertos pela arqueologia e inteiramente preservados até os dias de hoje. Há também o uso de referências aos diversos editos de valorização ou desvalorização da moeda durante todo o império, com destaque ao Edito de Diocleciano de 301 d.C., que pode ser visto em detalhes e é tido como um grande plano econômico romano.

Saindo desta sala e indo até a Sala B, denominada "O luxo em Roma", pode-se observar a riqueza abrangente dos romanos, representada por preciosas joias e adornos, usados tanto por homens como por mulheres. Curioso observar a evolução da temática artística que vai desde um estilo etrusco e grego até um estilo latino e romano próprio, adotando a questão da moda ao longo de cada uma das dinastias que dominaram o alto império romano.

A coleção de moedas que se intitula "Metais e Moedas" é a próxima a ser visitada na ampla Sala C, e é espetacular, dividida em grandes balcões de vidro onde cada uma das moedas é exposta com todo o critério e iluminação. Realmente, fascina o visitante. Nesta coleção há uma linha temática: "a cunhagem romana como símbolo do ocidente" pois a moeda é, além de um documento histórico valioso e fidedigno à sua época, o meio mais indispensável de trocas diárias criado pelo homem, sintetizando assim em seu disco metálico o poder. Nesta sala são várias as seções.

Seção 1: nesta seção são apresentados tesouros encontrados em várias tumbas romanas, além de tesouros votivos que são enterrados e dedicados a divindades. A preservação dos tesouros é tanta, que até a terra e o ambiente onde foram encontrados são reproduzidos, e a apresentação é feita dentro de cilindros de vidro, nos quais pode-se observar a profundidade onde as moedas estavam. Ainda nesta seção, são abordados os temas da cunhagem primitiva romana, basicamente realizada em chapas e barras de bronze e em suas subdivisões, chamadas de aes grave e aes rudes. São vários os tipos e modelos desta cunhagem primitiva. Também estão ali reunidas as primeiras emissões em ouro e prata de um estilo bem similar às cunhagens realizadas na Magna Grécia (sul da Itália). É a partir da vitória nas guerras púnicas que surgem as primeiras moedas romanas mais modernas, os denários de prata.

collezione ex Museo Kircheriano
1 AES RUDE, AES SIGNATUM

Seção 2: aborda a difícil transição entre a república e o império, e os processos ditatoriais que vieram a dar cria ao império. O aspecto mais destacado desta seção é o poder propagandista adotado dentro da cunhagem romana, que abandona a emissão com efígies e alegorias de deuses passando a apresentar histórias e alegorias das famílias mais nobres e com mais poder. Também nestes denários dos fins da república há claramente a presença de motivos políticos. É nesta seção que se vê Júlio César estampado em moedas, Marco Antônio e, posteriormente, o primeiro imperador, Otávio, que assume o título e codinome de Augusto.

Seção 3: nesta seção são apresentados os imperadores e suas emissões, compreendendo os dois primeiros séculos, período que vai de Augusto até Caracalla. Ali são apresentadas as dinastias que se sucedem à frente do império, expondo de maneira linear todo o pensamento político dos imperadores e suas iconografias, muitas vezes ligadas diretamente a fatos e acontecimentos de seus reinados. Destaca-se a linda apresentação dos sestércios, moedas grandes de bronze que eram a moeda de conta dos romanos. Tudo era contabilizado em sestércios, seja a dívida pública ou privada. Dentre os sestércios mais interessantes, podemos destacar o que apresenta em seu reverso a inauguração do Coliseu no ano 80 d.C. e o sestércio que apresenta o porto de Óstia com navios de diversas nacionalidades aportando. Esta seção destaca o reinado de Trajano, que vai de 98 a 117 d.C., época da máxima expansão e poderio do império. O final da exposição apresenta o governo de Caracalla de 211 d.C. a 217 d.C. e todas as mudanças econômicas que surgem com a criação do Antoniano.

Seção 4: trata da temática da crise imperial surgida com a militarização do papel do imperador. Os governos da crise que se estabelece no período que vai de 235 d.C. até 284 d.C. são ilustrados pela depreciação da moeda de prata até o patamar de 2% de prata apenas contida nos Antonianos na reforma econômica de Aureliano. Nesta seção abundam os medalhões que eram batidos em honra a feitos dos imperadores, e geralmente eram peças únicas. O grande destaque da seção é a ascensão de Diocleciano e seu governo, chamado de tetrarquia. Neste governo, a moeda é novamente reformada e cria-se o follis, moeda grande e com perfil artístico bastante rebuscado. Constantino abandona o metalismo da prata e funda o metalismo do ouro, deixando assim um legado que viria a ser encampado pelos povos bárbaros que ocupam o solo italiano e Roma posteriormente e até a idade média, destacando-se as emissões dos Godos e dos Lombardos.

Seção 5: nesta coleção, a idade média é deixada meio que de lado, pois não há uma seção específica sobre

a emissão romana nesta época. Das invasões bárbaras dos séculos V e VI, a transição da seção 5 passa para a Roma Papal, com grande destaque para o renascimento, movimento artístico que "contamina" a moeda com o máximo da beleza e da qualidade artística, destacando-se os séculos XVI e XVII.

Seção 6: são abordados os séculos XVIII e XIX e as transformações que ocorreram tanto no comércio mundial quanto as políticas da própria Itália que vieram a dar origem a unificação italiana em 1870. Nesta seção, as vitrines são repletas de todo sortimento de moedas dos reinos italianos, muitos deles de grande importância para o comércio mundial, destacando-se o reino de Veneza, que era senhor de imensos territórios comerciais no Mediterrâneo. As majestosas moedas cunhadas pelos Doges de Veneza são o destaque desta seção.

A Sala D da exposição apresenta o poder dos imperadores através do resgate do símbolo máximo que era o cetro real. Não se sabe ao certo a quem pertenceu tal cetro. Porém, as tendências de estudos levam a crer que eram de Maxêncio, um imperador importante que residiu em Roma no século IV d.C. e que foi vencido na batalha de Ponte Mílvio por Constantino, em 312 d.C.

Os aspectos gerais da coleção são realmente suntuosos. Toda a mobiliária de apresentação das moedas e coleções é refinada, as vitrines são de vidro e há iluminação temática e individualizada em cada uma das seções. Para um apreciador da arte numismática romana, percorrer os corredores e se deparar com vitrines repletas de áureos e denários é realmente impactante. Cada uma das moedas tem todo um tratamento de estudos, e seus aspectos mais artísticos são destacados. Não há divisão por metal; então, na mesma vitrine são apresentados desde bronzes mais humildes até grandes moedas do mais puro ouro. Anexo ao museu há uma biblioteca temática de numismática e também uma loja onde são comercializados livros e souvenirs sobre a coleção de moedas. Um passeio pela coleção não pode ser feito em um dia só, pois nos demais andares são apresentados outros tipos de coleções que vão desde o barco pessoal de Calígula aos mosaicos dos times de corridas de cavalos do Circo Máximo. Ou seja, é um ambiente que retrata todo o esplendor da Roma Imperial.

Serviço: Museu Nacional Romano
Palácio Máximo – Largo di Via Peretti, número 1 – Roma - Itália
Site: http://archeoroma.beniculturali.it/musei/museo-nazionale-romano-palazzo-massimo

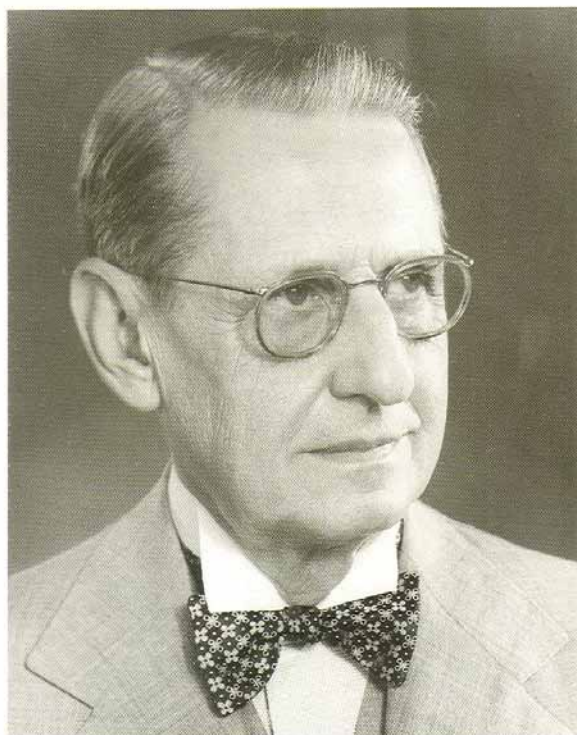
Guilherme Guinle - maior doador brasileiro de peças numismáticas

João Gualberto Abib

Membro da SNB - Sociedade Numismática Brasileira e Membro de outras Sociedades Numismáticas. mantém o blog sobre numismática: http://abibonds.blogspot.com.br

Em 1939, foi instituído pelo Decreto Lei 1.706 de 27 de outubro de 1939, O LIVRO DO MÉRITO, cuja função era de inscrever para a posteridade, nomes de pessoas que fizeram a diferença, por suas "doações valiosas", ou ainda, pela reconhecida prestação de serviços relevantes e que houvessem com notoriedade, contribuído para o enriquecimento do patrimônio material ou espiritual da Nação, e merecido assim, o testemunho público do seu reconhecimento. Para isto, se prestavam com homenagens, a inscrição de grandes nomes, no Livro do Mérito.

Este mesmo Decreto Lei, foi depois, regulamentado pelo Decreto 5.244 de 07 de janeiro de 1940. O parecer da primeira indicação, data de 26 de setembro de 1941, demonstrando que a Comissão agiu com extremo cuidado, não tendo pressa em apresentar nomes. Enquanto existiu o LIVRO DO MÉRITO, não chegou sequer, a duas dezenas de nomes homenageados por seus préstimos de alto grau de reconhecimento ao País. Mas, alguns nomes de alguns cientistas, como Cardoso Fontes, e Vital Brasil, juristas como Clóvis Beviláqua e Francisco Mendes Pimentel, o sertanista, General Cândido Mariano Rondon e pessoas dedicadas à assistência social, como, Rafael Levi de Miranda e Sinhá Junqueira, ficaram inscritos.

Mas, entretanto, o primeiro nome inscrito neste Livro, foi o de Guilherme Guinle. O decreto da primeira inscrição, assinado pelo então Presidente Getúlio Vargas, estava assim redigido: "Considerando que o Decreto-Lei de 1.706, de 1939, instituiu o Livro do Mérito, destinado a receber a inscrição dos nomes das pessoas que, por doações valiosas ou pela desinteressada proteção de serviços relevantes, hajam cooperado notoriamente para o enriquecimento do patrimônio material ou espiritual da Nação e merecido o testemunho público do seu reconhecimento; considerando que o engenheiro GUILHERME GUINLE, conforme parecer da comissão do Livro do Mérito, é merecedor dessa alta distinção, resolve: Mandar inscrever o seu nome no livro do Mérito."

Guilherme Guinle em 1959.

A foto acima de Guilherme Guinle, data de 1959, extraída de uma das folhas da Obra Biográfica e agora, também, elevada a Obra Numismática, que estava escondida da maioria dos numismatas brasileiros, onde relata com pormenores, toda a vida deste grande brasileiro.

O diploma, executado em litografia, desenhado por J. Wast Rodrigues, noticia a imprensa da época, achava-se encerrado em artística caixa de jacarandá entalhado, com ornatos em prata cinzelada e seus dizeres eram os seguintes: " O Presidente da República, tendo em alto apreço os merecimentos do Sr. Dr. Guilherme Guinle, em testemunho público do reconhecimento nacional pelas doações valiosas e prestação de serviços relevantes para o enriquecimento do patrimônio material e espiritual do Brasil, mandou fosse feita sua inscrição no Livro do Mérito."

Mas, afinal, o que fez de grandioso este grande brasileiro, para entrar no Livro do Mérito e ainda, como o primeiro nome inscrito neste mesmo livro com tamanha distinção e honra?. Vamos ressaltar somente

os registros das doações NUMISMÁTICAS, pois além de doações de hospitais, obras de artes, dinheiro para instituições de caridade, e outras coisas mil, ficaremos dias para relacionar a importância deste brasileiro exemplar, além de numismata e grande filatelista que foi em sua época.

Só para lembrar, nasceu em 1882 e faleceu em 1960. Foi presidente da CSN – Companhia Siderúrgica Nacional, foi presidente da Companhia Docas de Santos, foi fundador da Usina de Volta Redonda, foi o Presidente da Fundação Gaffrée e Guinle e de foi em foi, também ficaria horas para relacionar tudo isto. Vamos nos ater somente na parte Numismática.

O prazer que este grande homem tinha em fazer suas coleções, não se encerrava em si próprio, não era apenas pessoal e egoísta, pois, com o mesmo gosto que adquiria suas peças numismáticas, e diga-se de passagem, peças raras e algumas extremamente raras e ao final de sua catalogação, ele se satisfazia, ainda mais, ao transferir por doação ao patrimônio público nacional para que servisse para a educação do povo.

Em 1921, fez sua primeira doação a Secção de Numismática da Biblioteca Nacional. Nas anotações do primeiro livro de registro de moedas, verifica-se que se compunha de 147 moedas portuguesas, que vão do reinado de D. Sancho II (1223-1248) a D. Manuel II (1908-1910), sendo 128 de prata e as demais de níquel, cobre e de outras ligas de metais. As referidas moedas se distribuem pelos seguintes reinados: D. Sancho (1223-1248); D. Fernando (1367-1838); D. João II (1481-1495); D. Manuel I (1495-1521), D.João III (1521-1557); D.Sebastião (1557-1578); D. Filipe II (1598-1621); D.João V (1640-1656); D. Afonso VI (1656-1683); D.Pedro II (1683-1706); D.João V (1706-1750); D. José (1750-1777); D. Maria I (1786-1799), D. Maria II (1834-1853), D. Luiz I (1867-1889); D. Carlos (1889-1908) e D. Manuel II (1908-1910).

Da coleção constavam, ainda, duas moedas da África Portuguesa: dois macutos de D. José I – 1762 e uma pataca de Moçambique. D. Maria II, octogonal, e seis moedas da Índia Portuguesa, sendo uma rúpia de D. Maria I (cobre), cinco bazarucos de D. João V (1722) e cinco bazarucos de D. João V, sem data, ambos de calaim.

Em 06 de abril de 1922, foi incorporada à seção de numismática da Biblioteca, nova doação de Guilherme Guinle, constando as seguintes moedas de ouro: moedas francesas – franco a pé, de Carlos V (1364-1380), um agnelo de Carlos VI (1380-1422), um escudo com o sol, de Francisco I (1515-1547), uma moeda do Condado de Flandres, real de dupla águia e uma moeda do Ducado da Toscana, sequim florentino, de prata.

Quatro dias depois, registra-se, com todos os detalhes, outra grande doação de Guilherme Guinle, constante de 720 peças do Brasil- Colônia e do Brasil-Império, sendo 123 de prata e 597 de cobre. Tais moedas vão desde o reinado de D. Pedro II (1683-1706) até D. João VI (as do Brasil-Colônia), as do Brasil-Império, abrangem os reinados de Pedro I e Pedro II, até o final da monarquia do Brasil.

Já no Governo de Epitácio Pessoa, em 1922, criou-se o Museu Histórico Nacional, que se instalou a 12 de outubro no antigo Arsenal da Guerra. A seção de numismática, até então na Biblioteca Nacional, transferiu-se à nova instituição e as doações de Guilherme Guinle prosseguiram com a mesma e constante generosidade.

Em 02 de outubro de 1924, foi doado um conjunto de condecorações composto de 119 peças em ouro, prata dourada, esmalte e pedras preciosas, algumas das quais raríssimas.

Já em 1925, seu gesto de dadivosidade alcança o máximo, colocou sua riquíssima coleção à disposição dos técnicos do Museu Histórico Nacional para que dela retirassem todas as peças que lhes interessassem, de que resultou a inclusão de 2.310 exemplares, na maioria de ouro, além de muitas barras do mesmo metal, procedentes de diversas Casas de Fundição do Brasil, que, como se sabe, circularam como moeda no tráfico comercial no período colonial.

Ainda mais: ofereceu o mobiliário de imbuia para a sala de exposição das moedas brasileiras, que recebeu seu nome. O batismo foi procedido de correspondência entre o diretor do Museu, Gustavo Barroso, e o Ministro da Justiça, Afonso Pena Junior, No seu ofício, Gustavo Barroso diz que, entre outros doadores, Guilherme Guinle se tornou, desde a fundação do Museu, “seu incansável protetor, tendo lhe ofertado grande quantidade de objetos preciosos e uma rica coleção de condecorações e, agora, acaba de doar uma grande sala ricamente mobiliada e atapetada para a exposição das peças da numismática brasileira e todas as peças de ouro, prata e cobre que faltavam para completar a coleção”. A fim de demonstrar gratidão a tão generoso doador, resolvera denominar “Guilherme Guinle” a referida dependência.

Não cessaram, porém, as contribuições do presidente da Docas de Santos. No dia 06 de setembro de 1943, ofertou ao Museu, nova coleção, agora, de medalhas esportivas, sendo: regatas, tiro ao alvo, ciclismo, futebol, water pólo, hipismo frontão, ginástica, luta romana, corrida a pé, marcha, xadrex, e ainda, medalhas maçônicas, somando ao todo 492 peças. Na mesma data, foram doadas: 368 medalhas de instrução, 844 medalhas reliogiosas e devocionais, 281

medalhas com emblemas de associações religiosas e comemorativas estrangeiras e papalinas, medalhas portuguesas (religiosas), italianas, francesas, alemãs, espanholas, gregas. E mais, 41 jetons do Brasil e 9 jetons estrangeiros, 138 reclames monetiformes, 35 distintivos diversos, 100 distintivos estrangeiros e 210 medalhas dos seguintes países: França (54), Inglaterra (19), Holanda (1), Bélgica (14), Espanha (14), Áustria (13), Suíça (1), Alemanha (10), Itália (12), Rússia (6), Suécia (12), Prússia (12), Portugal (4), Papado (9), Estados Unidos (12), México (1), Chile (3), Argentina (5), Brasil (18) e preconícios do Brasil (10).

No mesmo ano de 1943, conforme ainda anotações no Livro de Registro, chega ao Museu outra doação abrangendo 1.036 peças, compreendendo medalhas comemorativas, devocionais, de instrução, de exposições, insíginias de ordens honoríficas, medalhas maçônicas, medalhas comemorativas do México, Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Vaticano, Suíça, Cruz Vermelha da Suíça, Insígnias da Ordem Constantina de S. Jorge, da Ordem da Cruz de Ferro da Alemanha e da Legião de Honra da França.

Em 1944, registrou-se, ainda, novas doações de medalhas compostas de 46 peças. Ainda no mesmo ano, na página 260, as seguintes doações do grande benfeitor do Museu: medalha e estojo do Duque de Wellington, medalha da Ordem do Templários, sob o grão-mestrado do Palaport; medalhas espanholas de D. Carlos I e D. Felipe II; medalha da campanha South Africa; medalha da batalha do Marne; medalha do mérito do Internato Coração de Maria; medalha do Ano Santo (1935-1936).

As doações de peças históricas se iniciaram em 1924, e além das peças numismáticas, foram doadas peças de cerâmica, armaria, iconografia, mobiliário, vidraria, prataria, montaria, insígnias, indumentária e arquitetetura.

Houve, ainda, doações a outros Museus, como o Museu Imperial de Petrópolis, Museu de Arte de São Paulo e doação inclusive, para a Academia Brasileira de Letras, neste caso, de um exemplar da edição “Princips” de Os Lusíadas. Houve, ainda, uma doação do retrato de Aleijadinho ao Arquivo Público Mineiro.

Mas todas estas doações a estes outros Museus, bem como, todas as peças já relatadas anteriormente, estão devidamente citadas numa única obra, que serviu de pesquisa para a feitura deste texto. Além da parte bem descritiva de todas as peças numismáticas que foram doadas a vários Museus, existe ainda, a descrição de inúmeras outras doações a diversas Instituições. Tudo isto compilado, no Ensaio Biográfico publicado pela Companhia Docas de Santos, com título de “Ensaio Biográfico de Guilherme Guinle, 1882 - 1960”, de autoria de Geraldo Mendes de Barros editado pela Livraria Agir Editora no ano de 1982.

Esta obra é Biográfica, mas todos os numismatas deveriam elegê-la, também, como uma verdadeira obra numismática, pela riqueza de informações e, principalmente, pelas relações detalhadas de todas as peças doadas aos vários Museus.

Por toda pesquisa que fiz, pelo menos até agora, não conheço um numismata de tamanha grandeza e tamanha generosidade, em doar suas coleções em vida, para as futuras gerações, aos Museus citados anteriormente.

Guilherme Guinle foi sem dúvida alguma o mais generoso dos numismatas, e com certeza, foi o maior doador de peças numismáticas aos Museus Brasileiros.

(parte deste texto foi extraído desta importante obra, entitulada de Ensaio Biográfico e agora, conhecida pelos leitores deste BLOG, como uma verdadeira obra numismática).

A cédula do Índio

Bruno Diniz

A cédula do índio é icônica e pouco percebida pelos colecionadores de todo o Brasil. Dona de uma rara beleza esta cédula carrega o puro DNA artístico brasileiro em suas alegorias, bem como nos sistemas de segurança desenvolvidos para sua circulação. Em 1961, a autoridade monetária da época lançou a cédula. A mesma foi desenvolvida integralmente pela Casa da Moeda do Brasil e ficou conhecida popularmente como a "cédula do índio". Vamos neste texto desvendar todas as suas composições e alegorias, bem como suas lendas e histórias.

Lembrada pela literatura brasileira

A cédula do índio também é lembrada na literatura brasileira por meio do livro "História dos Tributos no Brasil" escrito por Fernando Amed (historiador) e por Plínio Labriola Negreiros (historiador) os autores retratam neste livro a importância e evolução do sistema tributário e financeiro do Brasil.

Entendendo as alegorias

Em suas alegorias podemos observar as características do artesanato marajoara. Os Marajoaras ou cultura do Marajó fazem parte da Era pré-colombiana, esta sociedade floresceu na Ilha do Marajó na boca do Rio Amazonas. Também podemos notar a presença da vitória-régia ou victória-régia (Victoria amazônica) uma planta aquática, típica da região amazônica. Ela possui uma grande folha em forma de círculo, que fica sobre a superfície da água, e pode chegar a ter até 2,5 metros de diâmetro e suportar até 40 quilos se forem bem distribuídos em sua superfície. Além de uma planta típica da região amazônica, ela também possui grande importância na cultura indígena brasileira pois a lenda da vitória-régia é uma lenda brasileira de origem indígena tupi-guarani. O Indio retratado seria da tribo tupi-guarani a tribo que pesquisadores atribuem como nativa e dominante no Brasil quando de sua descoberta. O índio na balsa seria em alusão aos índios da tribo Tremembé em Almofala, situada no litoral oeste cearense e conhecidos por suas habilidades na pesca.

A lenda da vitória régia

Há muitos anos, em uma tribo indígena, contava-se que a lua (Jaci, para os índios) era uma deusa que ao despontar a noite, beijava e enchia de luz os rostos das mais belas virgens índias da aldeia - as cunhantãs-moças. Sempre que ela se escondia atrás das montanhas, levava para si as moças de sua preferência e as transformava em estrelas no firmamento.

Uma linda jovem virgem da tribo, a guerreira Naiá, vivia sonhando com este encontro e mal podia esperar pelo grande dia em que seria chamada por Jaci. Os anciãos da tribo alertavam Naiá: depois de seu encontro com a sedutora deusa, as moças perdiam seu sangue e sua carne, tornando-se luz - viravam as estrelas do céu. Mas quem a impediria? Naiá queria porque queria ser levada pela lua. À noite, perambulava

pelas montanhas atrás dela, sem nunca alcançá-la. Todas as noites eram assim, e a jovem índia definhava, sonhando com o encontro, sem desistir. Não comia e nem bebia nada. Tão obcecada ficou que não havia pajé que lhe desse jeito.

Um dia, tendo parado para descansar à beira de um lago, viu em sua superfície a imagem da deusa amada: a lua refletida em suas águas. Cega pelo seu sonho, lançou-se ao fundo e se afogou. A lua, compadecida, quis recompensar o sacrifício da bela jovem índia, e resolveu transformá-la em uma estrela diferente de todas aquelas que brilham no céu. Transformou-a então numa "Estrela das Águas", única e perfeita, que é a planta vitória-régia. Assim, nasceu uma linda planta cujas flores perfumadas e brancas só abrem à noite, e ao nascer do sol ficam rosadas.

Fechando a coleção

Sua coleção é algo complicado e bastante criterioso, uma vez que ela possui 111 séries divididas em dois períodos distintos. No primeiro período podemos observar que as cédulas de 1961 vão das séries 001 até 075 e a segunda série lançada inicia sua contagem a partir da série 076 até 111 datadas do ano de 1962.

Fechar a coleção da cédula do índio é algo prazeroso e muito complicado, mas vale todo o esforço. Sua coleção irá ficar mais rica e terá uma das cédulas que foi o divisor de águas no tocante a tecnologia de produção de cédulas no Brasil.

Origem da palavra “moeda”

Douglas Santos

Colecionar moedas é ter um vislumbre de vários ramos do conhecimento humano. Desde a sua criação, como a conhecemos hoje, nos idos de 560 - 546 a.C. durante o reinado de Kroisos (Croesus) na região da Lídia, atual Turquia, as moedas acabaram por assumirem a função de capsulas do tempo.

Através das representações nelas contidas, pode-se ter uma perfeita noção da evolução das artes, do comércio, da arquitetura, da religião, dos costumes, das lendas, dos reis, da política, e assim por diante.

Foi através de representações em pequenos discos metálicos que rostos de monarcas e grandes personalidades chegaram até os dias atuais. Muitos fatos históricos foram registrados com exatidão. Muitos templos e palácios há muito desaparecidos permaneceram nas páginas da história. É inegável que a moeda foi uma das molas propulsoras da evolução humana e do pensamento ocidental.

Poderíamos ficar horas e horas discorrendo sobre a importância da moeda e a relação com outras disciplinas do conhecimento humano. Mas o objetivo deste texto é muito mais simples, o de discorrer sobre o motivo pelo qual chamamos o objeto de nosso colecionismo de moeda. Enfim, quem a batizou e qual foi a razão de ter recebido este nome.

A busca deixa para trás alguns séculos desde a sua criação na Grécia, passando para o ano de 390 a.C. em Roma. A cidade eterna estava na iminência de sofrer uma invasão dos gauleses, que já se infiltravam durante a noite sem despertar a atenção dos romanos. Enquanto as pessoas dormiam, os gansos que viviam ao redor do templo dedicado à deusa Juno vigiavam. Quando os gauleses lá chegaram, foram recebidos pelos gansos que começaram a grasnar, e assim, acordaram os soldados romanos que logo impediram a invasão inimiga.

Ao lado do templo dedicado à deusa Juno ficava a casa onde eram cunhados os denários. O grasnar dos gansos foi interpretado como um aviso protetor da deusa Juno, que passou a ser conhecida como Juno Moneta, segundo o escritor latino Livio Andronico, pois avisar em latim é “monere”, de onde provem as palavras admoestação, monitor e moeda.

Abaixo um denário cunhado em 46 a.C. Pelo magistrado T. Carisius coma representação da deusa Juno Moneta em seu anverso com a palavra MONETA e em seu verso os instrumentos utilizados para a cunhagem de moedas: uma tenaz, um cunho fixo, um cunho móvel e um martelo. Abaixo do nome do magistrado T. CARISIV.

2º Encontro de Numismática e Multicolecionismo do Sul de Minas

Dias 24-25 de julho

das 09:00 às 17:00

Local: Centro Cultural Primus
Rua José Justino, 681
São Lourenço -Minas Gerais

Organização e reservas de mesas:

Rafael Augusto

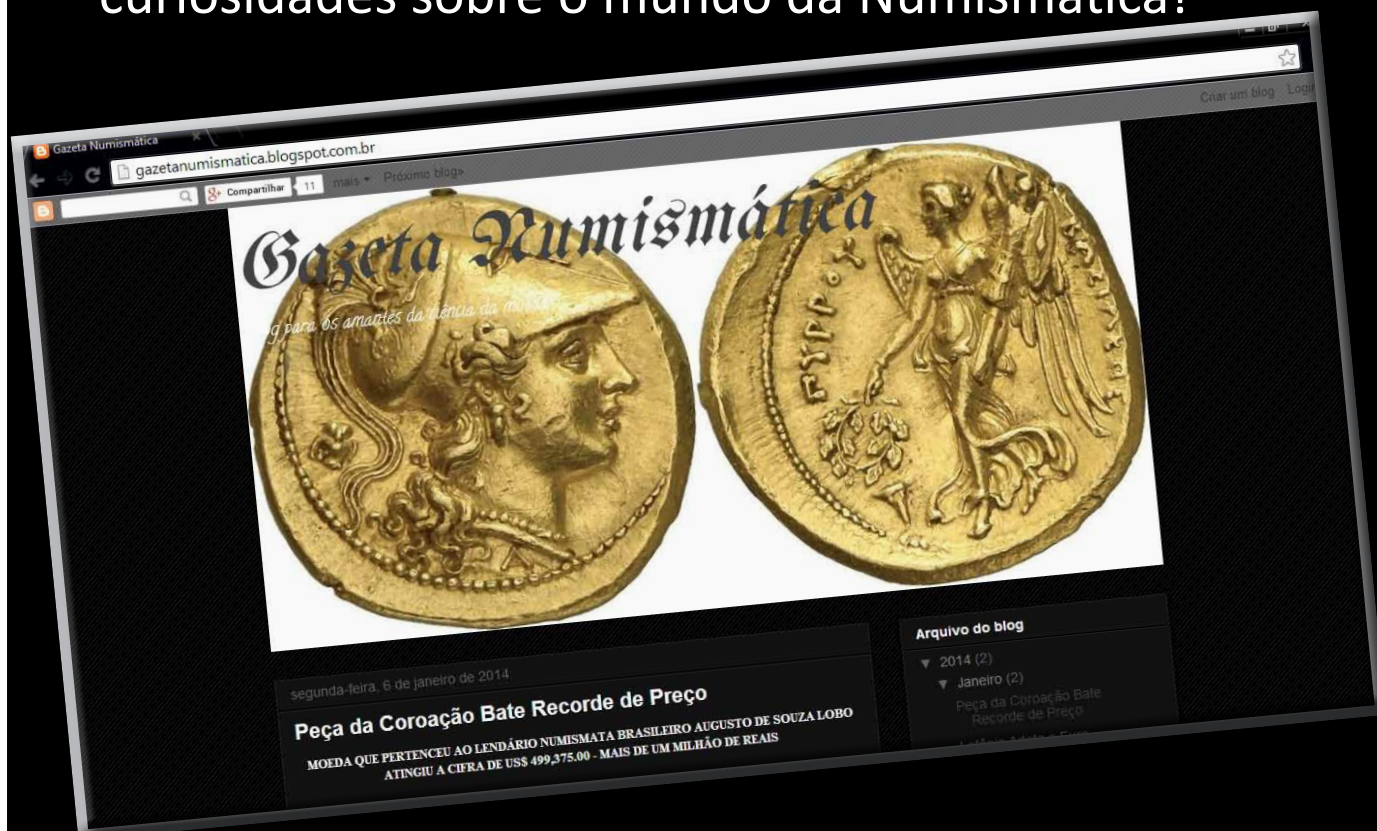
Moedas e Antiguidades

(035) 9166-5799 (Tim) ou (035) 8806-0365 (Oi)

Contato pelo e-mail: ramgu2005@gmail.com

Apoio:

AVBN
Associação Virtual Brasileira de Numismática

DC DE COLEÇÃO
www.decolecao.com

Compres diretamente da AVBN a monografia

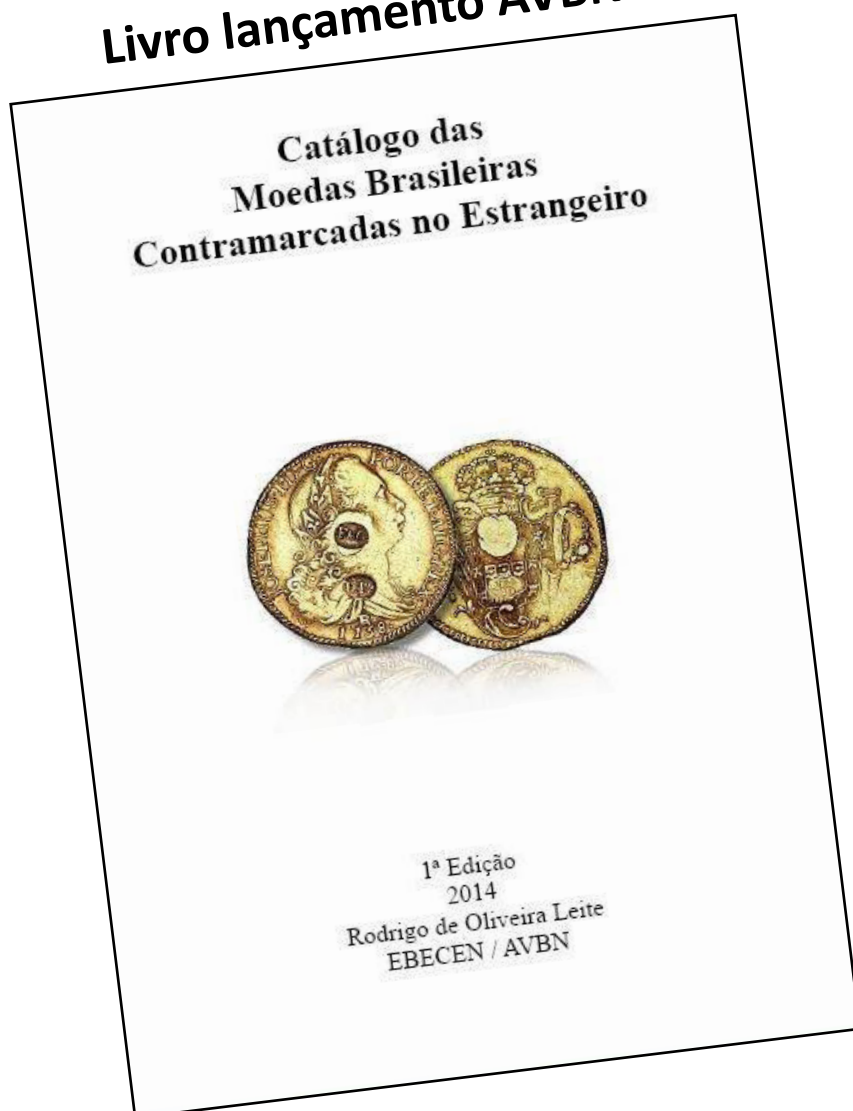
“Catálogo das Moedas Brasileiras Contramarcadas no Estrangeiro”

São 32 páginas, contando com mais de 50 referências a moedas cunhadas no Brasil e contramarcadas em outros países além de dezenas de imagens de peças nunca antes catalogadas em nenhuma obra brasileira.

Além disso há um apêndice com uma lista de moedas das coleções do Museu Histórico Nacional, American Numismatic Society e Coleção Banco Espírito Santo, e um apêndice com as referências às peças catalogadas no artigo de Julius Meili de 1902 em “O Archeólogo Português”.

Essa obra é um lançamento conjunto da EBECEN com a Associação Virtual Brasileira de Numismática, com toda a receita sendo transferida integralmente à AVBN.

Para os que comprarem o livro, receberão DE BRINDE a nossa série de 4 postais belíssimos, com tema Numismático. Aproveitem!

Preço para associados AVBN: R$20,00 + frete
Preço para não associados AVBN: R$25,00 + frete

Faça sua reserva pelo e-mail: avbn.net@gmail.com

REGRAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NO BOLETIM "O NVMISMATA", PERIÓDICO TRIMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO VIRTUAL BRASILEIRA DE NUMISMÁTICA

DA ESTRUTURA DO ARTIGO

Artigo 1- Deverá constar de três componentes obrigatórios: 1) título, com ou sem subtítulo 3) corpo do texto 3) referências sempre que uma fonte for usada como consulta.

Artigo 2- Poderá constar de componentes facultativos conforme o autor: imagens, tabelas, gráficos, esquemas ou fluxogramas, métodos e técnicas. Todos deverão ser referenciados.

Artigo 3- Deverá o artigo constar do nome completo do autor e coautores, quando houver.

DA SUBMISSÃO À PUBLICAÇÃO

Artigo 4 - A submissão de qualquer artigo para publicação pela AVBN exige apreciação do mesmo pelo Editor-chefe ou, na impossibilidade deste, por membro componente do editorial que o substitua no exercício de suas funções.

- A submissão de qualquer artigo para publicação pela AVBN implica tácitos conhecimento e aceitação das regras de publicação da AVBN.

- Não serão aceitas alegações fundamentadas no desconhecimento deste regulamento de publicação, na sua contestação ou na alegação de sua invalidade.

Artigo 5 – Os artigos deverão ser remetidos a e-mail do Conselho Editorial a ser anunciado no site da AVBN e nos grupos da Associação nas mídias sociais (Facebook, etc.)

Artigo 6 – O autor que enviou o(s) artigo(s) receberá uma notificação de recebimento pelo Conselho Editorial pelo mesmo e-mail pelo qual enviou o arquivo em até 48 horas. Findo este prazo, o autor que não tenha recebido o dito aviso de recebimento deverá postá-lo novamente para o e-mail do Conselho Editorial ou do Editor-chefe e notificar o Conselho Editorial do ocorrido por e-mail diferente do primeiro.

Artigo 7 – Em situações especiais o Conselho Editorial da AVBN, desejando publicar coletânea de artigos em meio digital ou impresso, pode solicitar aos autores dos respectivos artigos um termo de cessão de direitos autorais à AVBN o qual deverá ser impresso, assinado e enviado à AVBN em endereço a ser oportunamente anunciado e enviado a e-mail do Conselho Editorial na forma digitalizada (por scanner ou fotografia de boa resolução).

Artigo 8 – **Do aviso de deferimento da publicação:** O deferimento, ou o deferimento com ressalva ou o indeferimento da publicação serão comunicados **em caráter sigiloso** ao autor.

Artigo 9 – **Do parecer do editorial sobre os artigos**: O artigo submetido à apreciação do editor será enquadrado numa das três categorias possíveis:

- Aprovado
- Aprovado com ressalvas
- Reprovado

Artigo 10 - **Das condições de reprovação**:

- O autor que a qualquer momento desacatar, referir-se de modo desrespeitoso ou em tom pessoal em relação a qualquer componente do editorial AVBN em resposta a parecer de reprovação ou aprovação com ressalva emitido pelo referido editorial terá o artigo em questão sumariamente reprovado sem direito a retratação.

- Plágio: Uma vez comprovado o plágio, o artigo será sumariamente reprovado, sem direito a nova redação, caso já tenha sido publicado, receberá uma notificação no próximo boletim relatando o ocorrido.

- Artigos cujo conteúdo não mantenha relação com a numismática serão reprovados.

- Artigos que façam afirmações baseadas em suposições, sem explicitar devidamente que se trata

de suposição ou hipótese sem confirmação.

- Artigos que afirmem verdadeiros objetos ou coisas fantasiosas, falsas, falsificadas, viciadas, contrafeitas ou adulteradas, sem prestar o devido esclarecimento sobre o aleive (se se trata de falsificação de época ou moderna, se é adulterada etc).

- Artigo a que falte um ou mais dos componentes obrigatórios, a saber : 1) título, com ou sem subtítulo 2) corpo do texto 3) referências 4) nome completo do autor e coautores, quando houver.

Mesmo tendo sido publicado e posteriormente apresentar discordância, no próximo boletim, receberá devidas alterações, bastando para tal que qualquer associado entre em contato apresentando contra razões.

Artigo 11 - **Da nova redação de artigos reprovados:**

Na modalidade "reprovado", fica implícita a recomendação de que o artigo seja redigido novamente na íntegra, podendo ser submetido para publicação a qualquer tempo.

Artigo 12 - **Da reavaliação de artigo reprovado**:

Os artigos inicialmente reprovados, após redação inteiramente nova e submetidos a qualquer tempo à apreciação para publicação deverão ser classificados pelo menos como "Aprovado com ressalva" para que haja publicação posterior, sendo então regidos por esta modalidade (*vide* a seguir). Caso receba parecer "Aprovado", segue o artigo para publicação. Caso novamente reprovado, esta classificação será mantida e o caso será dado por encerrado.

Artigo 13 - **Do recurso à reprovação artigo:**

- O autor que ainda litigue sobre do parecer de reprovação de seu artigo poderá recorrer solicitando novo parecer ao Conselho Editorial composto de pelo menos 3 (três) integrantes, inclusive o Editor-chefe. O resultado final será considerado o da votação por maioria simples.

- Caso o autor ainda discorde do parecer votado pelo conselho editorial, pode solicitar a este a consultoria *ad hoc* de numismata especialista no assunto nomeado pelo Conselho.

- Ao parecer do consultor numismático *ad hoc* nomeado pelo Conselho Editorial caberá somente duas modalidades: "Aprovado" ou "Reprovado", será considerado definitivo e o caso encerrado.

Artigo 14 - **Da Nomeação de consultor numismático *ad hoc* pelo conselho editorial**:

- Somente podem ser nomeados consultores que se comprometam a se identificarem ao emitir seu parecer. Não serão aceitos consultores impossibilitados de assumir sua identidade ao redigirem o parecer.

- Somente será aceito parecer de especialistas consultores que tenham sido nomeados para tal pelo Conselho Editorial AVBN ou, na impossibilidade dos três membros do Conselho Editorial, pelo Presidente da AVBN ou por quem o substitua no exercício da sua função.

Artigo 15 – **Da modalidade "aprovado com ressalvas":**

Na modalidade "Aprovado com ressalvas", o editor explicitará quais são estas, podendo sugerir nova redação de alguns trechos, solicitar correção de erros na bibliografia, nas fontes de citação, de elementos gráficos, créditos de imagens etc.

Artigo 16 - **Da reavaliação de artigo "aprovado com ressalvas":** - O artigo que obteve, em primeira apreciação, o parecer "Aprovado com ressalvas", deverá ter corrigidos os erros apontados pelo editor, após o que poderá ser submetido a reavaliação a qualquer tempo.

- O artigo reavaliado que obtenha o parecer "Aprovado", segue para publicação. Isto implica que o artigo em questão poderá ser publicado em edição d'O NVMISMATA posterior àquela para qual o autor a apresentou, sem quaisquer consequências para a AVBN ou seu Conselho Editorial.

- O artigo reavaliado que permaneça com parecer inalterado (Aprovado com ressalvas), pode ser recorrigido pelo autor e submetido a segunda reavaliação.

- Na segunda reavaliação do artigo, somente cabem duas classificações: "Aprovado" ou "Reprovado", sendo este parecer o definitivo e sendo dado o caso por encerrado.

Artigo 17 - **Da constatação de irregularidade do artigo após publicação**

Se, mesmo após publicação do artigo, for constatada alguma irregularidade, pode o Editor-chefe, ou o componente do Conselho Editorial que o substitua no exercício de suas funções, publicar nota a título de esclarecimento e retratação em qualquer das edições seguintes, mesmo que o Editor-chefe ou membro do Conselho não estejam mais em exercício do cargo, podendo o autor fazer o mesmo, caso solicite.

Artigo 18 – Deve ser publicada errata de cada edição d'O NVMISMATA na edição imediatamente posterior, podendo para isto o Conselho Editorial apreciar o feedback dos leitores por e-mail ou correspondência pelas mídias sociais.

DA PREMIAÇÃO DOS ARTIGOS

Artigo 19 – O Conselho Editorial promoverá um concurso periódico para premiação de artigos publicados n'O NVMISMATA. Tal concurso terá preferencialmente periodicidade anual, será levado a efeito em condições a serem oportunamente definidas e será regido por **norma complementar** a ser promulgada e publicada posteriormente.

DAS REFERÊNCIAS

DAS REFERÊNCIAS DE IMAGENS:

Artigo 20 - A fonte das imagens deve ser referida abaixo das mesmas, precedida da palavra *"FONTE:"*

Artigo 21 - O crédito das imagens, quando houver, poderá vir anexo à imagem em diagramação a ser definida pelo editor ou em adendo ao fim da publicação.

Artigo 22 - Caso a imagem tenha sido capturada pelo autor do artigo, tal deve ser explicitado: *"Foto do autor"*.

DAS REFERÊNCIAS DOS DEMAIS COMPONENTES GRÁFICOS: TABELAS, GRÁFICOS, ESQUEMAS OU FLUXOGRAMAS.

Artigo 23 - Como nas imagens, a origem dos demais elementos gráficos deve ser explicitada no rodapé dos mesmos, precedido da palavra *"FONTE:"*.

Artigo 24 - Caso haja sido modificado pelo autor ou por terceiro, tal deve ser especificado: Ex: "*FONTE: Nogueira da Gama, 1964, modificado por Fulano de Tal, 2012*."

Artigo 25 - Caso seja de composição do próprio autor do artigo, isto deverá ser especificado na legenda.

DA REFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO TEXTUAL, DE MÉTODO/ TÉCNICA (DE LIMPEZA, DE CAPTURA DE IMAGEM, DE ACONDICIONAMENTO ETC).

Artigo 26 - Os métodos e técnicas descritos devem ter o autor ou obra que o propõe especificado no corpo do texto:

1) transcrito *ipsis litteris*, referência entre parênteses (ABNT) Ex: *Moedas de prata podem ser limpas com uma colher de amônia em um copo d´água (Amato 2012).*

2) ou na forma de citação: Ex.: *Segundo Amato, 2012, moedas de prata podem ser limpas com uma colher de amônia em um copo d´água.*

3) ou ter o número correspondente ao autor na bibliografia em sobrescrito no texto Ex: *Moedas de prata podem ser limpas com uma colher de amônia em um copo d´água*[3]*"*

¶ - Parágrafo único : quando o artigo inteiro tiver origem de fonte única, pode-se omitir a autoria do método/técnica descrito.

Artigo 27 - Quando a fonte não tiver especificado o autor, ou se tratar de fonte oficial, usar como a seguir: *"- O* ***envelopamento*** *das peças tem sido feito em envelopes comuns para moedas, mas podem ser usados o papel cristal, mais transparente, ou, preferencialmente, papéis de Ph neutro (6-6 ½), desacidificados (como o papel* ***Salto****, fabricado pela* ***Arjomari do Brasil****, ou papéis semelhantes produzidos pela Piray). (FONTE: site do Banco Central do Brasil, Conservação de Moedas: http://www.bcb.gov.br/?MOEDACONS).*

Artigo 28 - Caso se trate de método/técnica desenvolvido pelo escritor do artigo, deve isto ser **explicitado como sugestão do autor, na terceira pessoa:** "*Sugere-se... observou-se... tem-se usado*

com sucesso... o autor usa... uma colher de chá de bicarbonato de sódio em água aquecida, depositada em recipiente não-metálico, para remover verdete de moedas de bronze.”

Artigo 29 - Caso se trate de método/técnica de uso empírico no senso comum, de domínio público ou tomado conhecimento por relato verbal ou comunicação pessoal **especifica-se introduzindo com expressões**: *Muitos têm usado... é costume utilizar... tem sido sugerido... usa-se com bons resultados... imersão das moedas de cobre em óleo Diesel por pelo menos uma semana para remover verdetes.*

Artigo 30 – As referências devem vir ao fim do artigo com o nome do(s) autor(es) em ordem alfabética, devendo constar edição, editora, local e ano da obra. Ex:

AMATO, C.; NEVES, I. S.; RUSSO, A.: Livro das moedas do Brasil. 13ª Ed. Artgraph. São Paulo, 2012.

MALDONADO, R.: Catálogo Bentes de Moedas Brasileiras. 2ª Ed. MBA Editores Associados. Itália. 2013.

Artigo 31 – Constando erros simples como os de ordem alfabética ou data na bibliografia ou nas citações, pode o Editor encarregado da revisão fazer as devidas correções por conta própria, notificando-as devidamente destacadas ao autor, devendo obter deste o consentimento antes da publicação.